

---

## Resenha de *Arte e existência em Heidegger*, de Marco Aurélio Werle

---

DOI:10.12957/ek.2023.78365

**Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens<sup>1</sup>**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

*kahlmeyermertens@gmail.com*

<https://orcid.org/0000-0002-8572-8302>

### RESENHA DO LIVRO:

WERLE, Marco Aurélio. *Arte e existência em Heidegger*. São Paulo: República do Livro/Discurso Editorial, 2023, 192p.

A arte é ainda um modo essencial e necessário segundo o qual acontece a verdade decisiva para o nosso ser-aí histórico, ou a arte não é mais isso? (HEIDEGGER apud WERLE, 2023, p. 11)

Acima – mais do que epígrafe a esta resenha e citação na obra enfocada – vai-se além da ilustração. Em *Arte e existência em Heidegger*, mais novo livro do Professor Marco Aurélio Werle (USP), editado no primeiro semestre do corrente ano, tal sentença orienta o espírito do escrito e, sob olhar mais abrangente, caberia afirmar que igualmente dirige a compreensão filosófica de seu autor, especialmente no tocante a sua interface com a arte. Uma tal conexão não é casual nessa lavra, se conferirmos seus outros livros, tanto o celebrado *Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger* (2005), quanto aqueles nos quais apenas Hegel pontifica,<sup>2</sup> o tema se apresenta na tentativa de, “[...] pensar o sentido da arte para nosso *Dasein* [...]” (p. 9)

Dissipando a expectativa do leitor que, ao ver *arte e Heidegger* num mesmo título, poderia estimar ser trabalho limitado a uma exegese do ensaio *A origem da obra de arte*, de Heidegger, Werle cedo adverte ter mais amplo raio: “[...] pretende-se justamente situar

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; atualmente é professor-adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

<sup>2</sup> Cf. em nossa Bibliografia, Werle (2005) e Werle (2011).

o percurso do pensamento de Heidegger, que se estende desde *Ser e Tempo* e vai ao encontro dos temas da arte e da poesia” (p.8). Conduzindo-se assim, nosso autor se sabe afim à leitura que Benedito Nunes faz de Heidegger, como sendo este um pensamento que perfaz uma passagem ao domínio do poético (ou ainda, como quer Willian J. Richardson (1974), uma filosofia que vai *da fenomenologia ao pensamento*). E Werle está apto a cumprir o anunciado, estudando a filosofia de Heidegger há décadas, sendo inclusive tradutor de alguns de seus textos emblemáticos,<sup>3</sup> é capaz de apresentar um painel tão amplo quanto bem circunstanciado da filosofia de Heidegger, como se vê esboço desde a primeira parte da introdução de *Arte e existência em Heidegger*, bem como de apontar a maneira com a qual o filósofo lida com a “coisa” do pensamento.

A propósito do imediatamente dito, *nota bene* ao primeiro dos nove capítulos do livro, pois, em “A arte de questionar” (p.15-29), Werle apresenta o quanto o pensar de Heidegger perfaz-se questionadoramente diante da experiência viva do que é digno de questão e não na mediação de problemas que, quando muito, dão alento a questões de escolas, a circuitos eruditos ou a contextos saturados na prática de historiar a filosofia. Sabendo Heidegger como pensador que opera questionando, considera “Esse caráter interrogativo como o que se reflete no modo de apresentação e na forma da maioria dos textos de Heidegger, que ora têm por título uma pergunta: *O que significa pensar? O que é metafísica?; O que é isto – a filosofia?; Para quê poetas? [...]*” (p.17) Acentuando tal gesto, Werle sustenta algo que, embora patente na obra de Heidegger, merece ser dito e categoricamente repetido, trata-se de *evidenciar que o pensamento heideggeriano não opera teoricamente*, quer dizer que: “Heidegger não tem teorias, justamente porque em seu pensamento a teoria se torna ela mesma um problema para a filosofia. A teoria é no fundo inimiga do pensar.” (p. 9) O teor dessa avaliação permeia toda a primeira parte do trabalho, e seu sentido é mais bem compreendido quando nosso autor indica o quanto alguns contemporâneos a Heidegger, inclusive adversários, na hora de exercitar-se em filosofia, já o fazem com o ímpeto de teorizar. (Veja-se também p. 181) Compreende-se a teorização, assim, como o comportamento que, presumindo uma posição de veracidade, busca legitimação das premissas daí decorrentes para que, por meio de argumentos (que não raro conjugam pressupostos extrínsecos à significação da experiência focalizada), fazem com que o discurso filosófico não apenas resvale no dogmatismo, quanto, por

---

<sup>3</sup> *A questão da técnica e O conceito de tempo.*

vezes, em ideologias. “Logo, torna-se extremamente problemático procurar teorias em Heidegger, sejam da ação, éticas, estéticas ou semânticas, sejam lógicas, da significação ou da enunciação.” (p.33) É a clareza quanto a isso que faz com que Werle aponte a radicalidade do pensamento de Heidegger, marcando sua época não só pela *atenção* (fenomenológica) ao que se dá ao pensamento, quanto à *compreensão* (hermenêutica) dos contextos históricos do pensado. É justamente por isso que, para Werle:

[...] O pensamento questionador é extremamente atual, encontrando-se em sintonia com o presente, a saber, com o século XX como o cenário onde a filosofia de Heidegger surgiu, se desenvolveu e teve uma enorme influência sobre os contemporâneos. O século XX é justamente o século da crise da razão e dos fundamentos que por mais de dois mil anos guiaram a humanidade e que parecem ter entrado numa fase de esgotamento. Nada mais apropriado, pois, que um pensamento que se pretenda consequente surja interrogando-se a si mesmo e não se apresente de forma dogmática. Disso se segue que os textos de Heidegger são profundamente atuais por sua própria forma de apresentação. E esse vigor do pensamento de Heidegger parece-me ser bem mais forte do que outras filosofias do século XX, por exemplo, se pensarmos nos desdobramentos de toda ordem do positivismo lógico no mundo anglo-saxão ou junto aos representantes da Teoria Crítica. (p.19)

O caráter questionador da filosofia de Heidegger e, por conseguinte, seu traço ateuórico, antes mesmo de chegar a tal prognóstico, é apresentado, logo na entrada desse *Capítulo Primeiro*, naquilo que chamaria de seu caráter “pedagógico” (com o sentido de esse modo questionador de pensar ser propriamente uma “agogé”, do *Gr.*: uma “condução”). Ali, Werle ensaia sobre essa dimensão guia do questionar como uma educação, uma formação, com o pensamento da “*Bildung*”, tanto no seio da filosofia clássica alemã, quanto na apropriação gadameriana deste conceito. A ideia de um pensamento questionante, traço valorizado na interpretação de Werle sobre o estilo de Heidegger, ainda se faz presente nos dois capítulos seguintes, nos quais: “Importa atentar primeiramente para o horizonte de seu modo de pensar e de questionar, desde a analítica da existência e em sintonia com a fenomenologia hermenêutica” (p. 9).

“A pergunta e o caminho” (p. 29-44) é como se encima o *Segundo Capítulo*. Aqui há a tese de que o estilo da forma do pensamento de Heidegger (diferentemente da leitura de Tamayo (2008)) repetiria o suscitado na alvorada do Ocidente e que: “Por meio desse motivo de origem, pode-se dizer que a filosofia de Heidegger é levada a adotar a forma do questionamento como divisa metódica.” (p. 31) Nesse ponto, não há como não lembrar daquela sentença atribuída a Heidegger, que seria diretora dos trabalhos de edição de suas

*Obras Completas (Gesamtausgabe)*, essa diria que os escritos de Heidegger seriam caminhos e não obras, “*Wege, nicht Werke*”. Junto a essa ideia, no livro de Werle, temos a notícia, numa paráfrase a Aguillar (2018), de que a autoria dessa frase seria do suíço Paul Klee, fato revestido de especial significação, em se tratando este de um homem das artes).

Nesse capítulo, ressaltamos o tópico 2.1, “O questionamento como modo de abertura” (p. 29-36), no qual identificamos o quanto o pensamento questionador de Heidegger seria, para Werle, maneira de colocar o pensamento mesmo em movimento, uma vez que o questionamento é o caminho ou, por outras palavras, é o questionar que abre caminhos pelos quais trilha o pensamento. Esta seria uma ideia vaga se o autor não dedicasse parte considerável desse tópico à contextualização do quanto a dimensão da admiração/espanto (*thaumázein*) não teria vez aí. A exposição desses contextos, geralmente recorrente a Platão e a Aristóteles, no presente livro, no entanto, conta com um expediente que entendemos ser contribuição original de Werle. Trazendo tópicos de Caio Cássio Longino à baila, Werle retoma desse autor latino sua descrição do sublime, evidenciando esse fenômeno como o *ponto de culminância de um discurso*; indicando suas fontes, o sublime seria a aptidão de lançar-se nos pensamentos mais elevados, o ensejo para uma composição elevada e, de modo geral, a “aptidão da *palavra*” (p. 35). Como isso teria a ver com a divisa metódica de Heidegger? Ora, o perguntar seria ele mesmo uma forma de se ver confrontado com o sublime, de sorte que a pausa que a pergunta requer ante a resposta, seria ela mesma a que nos põe diante do discurso decisivo, do dizer filosófico que a questão evoca. Werle ainda vê aqui conexões com a filosofia do Heidegger tardio, já que: “A partir da referência a Longino, poder-se-ia aprofundar a noção de homem como *pastor do ser* e a função da linguagem como a casa do ser, presentes na *Carta sobre o humanismo*” (p. 35).

“A angústia, o nada e a morte” (p. 45-64) é o *Terceiro Capítulo*, o último dessa parte que pretende situar o modo do pensamento heideggeriano. Na avaliação do comentador, “[...] estes três conceitos ocupam um papel estratégico na proposta de Heidegger, em *Ser e Tempo*, de novamente colocar a questão do sentido do ser, sob o fundo do esquecimento do ser provocado pela metafísica ocidental”. (p.46) Todo o tópico se desenvolve por meio de dois movimentos, primeiramente, a exposição dos termos da analítica existencial, em seus momentos mais insinuantes, para depois determinar mais

de perto o lugar paradigmático dos três conceitos que dão nome ao capítulo. Em meio à execução do primeiro passo, no qual não apenas um painel do projeto de Heidegger é apresentado, há também ênfase quanto a filosofia existencial de Heidegger não ter um fim em si mesma, o que faria do autor alemão não um filósofo da existência *tout court*, mas antes de tudo um “ontólogo” ou, por outras palavras, um filósofo do ser. Após, a angústia é apresentada em seu pano de fundo, caracterização competente dessa *Befindlichkeit* (nomeada por Werle de “disposição anímica”), naqueles textos que constituem suas principais fontes. Na esteira desses, também o *nada* recebe acurada tematização; pensado a luz da ligação com o ser-aí, este já havia aparecido em página anterior quando, focalizado na diferença que conceitualmente tem frente à concepção de Hegel, assim: “A grande diferença entre Hegel e Heidegger [...] está na apreensão do elemento negativo que guia tanto a consciência quanto o Dasein, à diferença de que o negativo está na consciência ao passo que, inversamente, o Dasein está ‘suspenso no nada’”. (p.32). É na ambiência criada pela tematização da angústia e do nada que a temática do ser-para-morte, existencial indicativo da finitude do ser-aí, entre em cena. Nesta o leitor poderá conferir não apenas o vínculo ontológico existencial que a interpretação de Werle evidencia entre angústia-nada-morte, quanto, *en passant*, aproximações com os mesmos conceitos em Sartre.

O tema da arte que até o momento esperava sua vez, entra em pauta a partir do *Quarto Capítulo*, “O encontro da analítica existencial com a arte e a poesia” (p. 66-78). Este acaba sendo um tópico trabalhoso, não apenas por abordar conceitos exigentes, quanto por conjugar temas de pelo menos três épocas da produção de Heidegger (1920, 1930 e 1950), ocupando-se de tratar das presenças filosóficas de Hölderlin e Nietzsche à orla do tema.

Com excepcional estruturação, vemos a exposição dividida em quatro momentos. *No primeiro*, temos a leitura de Heidegger sobre Nietzsche e do problema da arte no Ocidente, há aqui um Heidegger determinado em analisar fundamentos do pensamento da arte em sua destinação, preocupando-se sobre como, para Nietzsche, a arte poderia ser princípio da vontade de poder (algo que veremos retomado no capítulo IX, em tópico dedicado ao aprofundamento desse aspecto); em *segundo lugar*, Werle aborda a reordenação do conceito de arte a partir de sua origem, a tarefa é mostrar como Heidegger se ocupa de rearranjar o conceito de arte diversamente do feito a partir de concepções

metafísicas da tradição, essa outra ordem indica uma ontologia da obra de arte na qual a ideia de arte está em íntima ligação com a verdade, compreendida como *desencobrimiento* (*alétheia*); em *terceira posição*, é tratada a interpretação do poético no discurso dos poetas, nessa, temos Werle compreendendo a poesia como o ponto de chegada da fenomenologia hermenêutica de Heidegger em seu pensamento tardio; por fim, temos a relação da arte com a técnica moderna, tema que cada vez mais se reveste de importância em nossa cena atual. A ênfase no ponto é dada sobre a noção de poesia, pensada por Heidegger como um “ocasionar” ou, mais propriamente, um *pro-duzir* (*Her-vor-bringen*); ênfase também recebe a noção de *Ge-stell* (traduzida por Werle como “armação”), estrutura formal que regula todos os modos de ser dos homens.

A matéria introduzida nesse capítulo oferece meios para que nosso autor faça prospecção dos capítulos restantes, cujos temas se apoiam no capital aqui estabelecido. O roteiro dos próximos passos do livro é dito nos seguintes termos:

Quando pensamos no tema da arte em Heidegger, somos remetidos de imediato ao ensaio *A origem da obra de arte*, de 1935/36. É preciso situar esse ensaio na relação com os textos que o acompanham ou que giram em torno da temática da arte e da estética. O percurso imediato de *A origem da obra de arte*, desde o nível mais imediato da “coisa”, passando pela noção de instrumento e de obra, até chegar ao tema da poesia, passando pela verdade na luta entre a terra e o mundo, indica um painel dos principais temas que problematizam a relação entre arte e verdade e ao mesmo tempo tratam de questões com a técnica e a subjetividade moderna. (p.70)

Se a tematização da arte na ligação com a analítica existencial, até aqui, soa ainda preâmbulo, não há dúvida quanto ao *Quinto Capítulo* ter alcançado a tematização mais detida e substancial de *Arte e existência em Heidegger*, consoante o roteiro acima. Intitulado “O sentido da origem da obra de arte” (p.79-128). Este é o lugar no qual o autor se ocupa mais de perto do ensaio *A origem da obra de arte* de Heidegger, escrito seminal de 1935-36, e uma das principais fontes para se abordar o fenômeno artístico no filósofo. Interpretando o escrito de modo a dar voz a seus principais momentos e em diferentes níveis de análise, temos aqui consideração sobre a busca heideggeriana pela origem (p. 82-84), sobre o círculo hermenêutico e sua atuação face artista e obra (p.84-88), sobre a “coisa”, o “instrumento” (utensílio) a “obra” e a “poesia” (p. 88). Trata-se do capítulo mais extenso do livro (quase cinquenta laudas), superando o anterior no quesito laboriosidade. (Justamente por isso, em coerência ao caráter resumido dessa resenha

informativa da edição do livro, não poderemos nos ater às minudências de sua construção).

“Produção técnica e artística da natureza” (p. 129-144) é título do *Capítulo Sexto*. Aqui, há uma meditação sobre o que seria o “produzir”, tanto em sentido amplo, quanto no campo de comportamento prático do ser-aí. Parte considerável do tópico consiste em evidenciar o modo do comportamento do ser-aí em face de si mesmo e do mundo diante de suas múltiplas semblâncias.

“Subjetividade como fundamento da técnica” (p. 145-156) complementa a tematização anterior, ocupando nova posição entre os capítulos (Cap. VII). Em foco está a subjetividade moderna no âmbito da técnica é capaz de promover transformações significativas no mundo, convertendo o seu acontecimento em entidade, objetividade. Apoiando-se em Heidegger, a leitura de Werle acena o quanto mesmo o humano não está livre dessa adversidade, embora nutra a falsa segurança de que está a cavaleiro de tal processo, de, enquanto subjetividade posicionadora, ser sujeito da instauração e controle do expediente técnico.

O *Oitavo Capítulo* de *Arte e existência em Heidegger*, é nomeado “A imaginação transcendental diante da razão prática” (p. 157-172). Um debate com Kant marca esse tópico. Em linha gerais, em jogo está uma interpretação heideggeriana do problema moral em Kant, para o filósofo de Friburgo, um tal problema só pode ser considerado a partir da estrutura do ser-aí em face da compreensão do sentido do próprio ser. Tendo tal premissa como solo de fundo cabe compreender como a ação moral kantiana, na alçada da razão e da vontade humanas, pode atuar antes mesmo de decidir diante de um quadro de situação, de como um sujeito pode colocar-se decisoriamente sem um contexto de mundo (existencial) diante de si.

O capítulo final (Cap. IX) retorna ao tema da arte e da origem, ao passo que é nomeado: “Arte como vontade ou fundada na origem” (p. 173-180). O título nos anuncia interlocução com os filósofos da vontade; no caso de Heidegger, da interpretação que ele faz de Nietzsche, autor ao qual o primeiro consagrou interpretação celebrizante. Pensada a noção de arte entre os dois, o saldo auferido não é outro senão pontos nos quais se pode identificar tensões entre as compreensões artísticas do modernismo e do pós-modernismo (sendo Nietzsche representante do primeiro). Daqui, como depreende Werle, há uma diferença de postura diante do fenômeno artístico, para Nietzsche, arte é experiência e

conceito a ser cultivado; para Heidegger (a quem o autor alinha ao pós-modernismo), a arte e seus conceitos tal como tradicionalmente firmados necessitam ser superados. (Seria em prol de uma compreensão ontológica dessa experiência prenhe de significado?)

No tópico de conclusão, o balanço geral de temas do livro (dentre os quais se mostram, com proeminência, tanto a *arte como manifestação do ser* quanto a *essência da técnica como Ge-stell*) e das meditações que conduziram o autor, nos permite destacar o seguinte resultado na forma de prognóstico feito com (e a partir de) Heidegger:

A conexão entre a arte e a existência, como procuramos apontar ao longo desse livro, se apresenta no campo de uma reinterpretação do sentido mesmo do *Dasein* para além do campo dos existenciais, [...]. Somente desse modo será possível nos instalarmos no campo de uma certa “posição”, própria de um acontecimento e de um deixar ser que o fenômeno da obra de arte pode vir a propiciar, desde que decorra de um ato fundante e instituinte. (p. 183)

Recolha de trabalhos outrora publicados em periódicos acadêmicos e em coletâneas de capítulos, o livro do Professor Marco Aurélio Werle ministra um painel do Heidegger pensador do fenômeno artístico, desde a visada de sua fenomenologia existencial. Permite vislumbre do campo de abrangência da analítica existencial de *Ser e Tempo* e de sua transição à meditação de *A origem da obra de arte*. Empenha-se por indicar como tal filosofia, ao tratar a arte em face do acontecimento apropriativo, não é promovida por interesse estético (se com este adjetivo compreendermos seu sentido disciplinar mais usual); por isso mesmo, patenteia o quanto um tal pensamento não opera dogmaticamente, sendo ele, antes, questionador de temas e indagações hauridos do âmbito de uma manifestação do ser, com implicações sobre as compreensões estéticas dos séculos XX e XXI. Ao ocupar-se do tema da arte, este comentário a Heidegger estende sua meditação também ao campo da técnica, oferecendo ao leitor interpretação competente, ensejando, o quanto Heidegger é solo propício para pensar as possibilidades do comportamento produtivo do humano na terra.

*Arte e existência em Heidegger* é obra madura de um autor experimentado em filosofia, logrando a este o reconhecimento de destacado pesquisador brasileiro quando o tema é a ligação do filósofo alemão com o acontecimento fenomenal da arte.

## Referências bibliográficas

AGUILAR, Nelson. *Fenomenologia e arte: Maldiney no Brasil*. (Org.) Nelson Aguilar. São Paulo: Edusp, 2018.

RICHARDSON, W. J. *Heidegger: Through Phenomenology to Thought*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1974.

TAMAYO, L. El estilo de Heidegger. In: *Heidegger – Sendas que vienen*, Vol. 1. (Org.) Félix Duque. Madrid: Pensamiento/UAM Ediciones, 2008, p.23-66.

WERLE, M. A. *A poesia na estética de Hegel*. São Paulo: Humanitas, 2005.

WERLE, M. A. *A questão do fim da arte em Hegel*. São Paulo: Hedra, 2011.

WERLE, M. A. *Arte e existência em Heidegger*. São Paulo: República do Livro/Discurso Editorial, 2023.

---

**Recebido em: 07/08/2023 | Aprovado em: 08/08/2023**

